

## **Consumo radiofônico e relações de gênero em comunidades extrativistas do Acre<sup>1</sup>**

Diva da Conceição GONÇALVES<sup>2</sup>  
**Embrapa Acre**

### **Resumo**

Este trabalho apresenta reflexões sobre as relações de gênero no meio rural e analisa o consumo de rádio no tensionamento de desigualdades expressas nas relações de trabalho e familiares de mulheres moradoras da Reserva Extrativista Chico Mendes, município de Brasileia (AC). As relações de gênero no contexto extrativista ainda são marcadas por profundas desigualdades, baseadas em uma lógica patriarcal, forjada em pressupostos de superioridade da figura masculina. Tais assimetrias se expressam, principalmente, na falta de reconhecimento da força de trabalho feminina e pela ausência de voz da mulher. Na confluência de processos midiáticos e comunicacionais, emerge um “poder informal” constituído como tática de resistência à dominação masculina, que confere voz à mulher extrativista e contribui para reduzir espaços de tensões socioculturais e desigualdades entre gêneros. Assim, as mulheres extrativistas se emancipam discursivamente, atuando como estimuladoras de processos sociais coletivos, tendo como referência a mídia.

### **Palavras-chave**

Rádio; Consumo Midiático; Mulher Rural; Relações de Gênero.

### **Introdução**

A luta pelo reconhecimento do papel feminino, nos distintos campos sociais, é um processo histórico, marcado por relações de autoridade e poder, em diversas partes do mundo. No Brasil, desde os primeiros movimentos feministas, no início século XX, conquistas valiosas como o direito ao voto, maior acesso à escola, direito ao divórcio e inserção no mercado de trabalho trouxeram mudanças significativas para o universo feminino. Apesar dos avanços sociais, econômicos e políticos alcançados, não há como negar que as relações de gênero ainda guardam lacunas extremamente sensíveis que expressam profundas assimetrias entre homens e mulheres, em contextos urbano e rural, especialmente nas relações de trabalho e familiar.

As desigualdades nas relações de gênero são construídas em articulação com o contexto social e se configuram pela negação de direitos, geralmente por convenções

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 24 a 26 de maio de 2017.

<sup>2</sup>Jornalista da Embrapa Acre. [Diva.goncalves@embrapa.br](mailto:Diva.goncalves@embrapa.br)

históricas, sociais e culturais. Se no meio urbano uma das principais problemáticas do trabalho feminino é a desigualdade salarial, de acordo com o relatório *Progresso das Mulheres no Mundo (2016)*<sup>3</sup>, documento que confirma que a mulher ainda ocupa os empregos com menores remunerações e menos qualificados, no meio rural as desigualdades nas relações de trabalho se agravam na medida em que muitas mulheres não têm acesso à renda, tampouco o reconhecimento da sua força de trabalho, embora trabalhem tanto quanto ou mais que o homem.

A compreensão dos processos que afetam as relações de gênero no contexto rural implica entender também aspectos da vivência de uma ruralidade ainda imersa em complexas teias de poder, que conferem à mulher condição de inferioridade em relação à figura masculina tanto no espaço público como privado. Na confluência destas esferas, constroem-se as relações sociais, processo que agrega fatores diversos, entre eles a mídia, instância quase onipresente, que participa do cotidiano social de distintas formas e em diferentes intensidades.

Este trabalho analisa a participação do rádio como instrumento de tensão das assimetrias presentes nas relações de gênero vivenciadas por moradoras de comunidades rurais do município de Brasileia, estado do Acre. Busca-se compreender como o consumo radiofônico contribui para reduzir desigualdades e para dar voz à mulher rural. O texto faz parte de uma pesquisa mais ampla, em andamento, que investiga o uso de diferentes estratégias comunicacionais na relação de moradores rurais com profissionais da pesquisa e da extensão rural, pensando os meios de comunicação como ferramentas que podem contribuir para o fortalecimento das relações sociais e para o empoderamento das populações rurais.

É consenso no campo da comunicação que a presença das mídias na vida social não se traduz apenas pela constatação da existência dos aparatos tecnológicos, mas também pela definição do lugar que estes dispositivos comunicacionais ocupam no tecido social, em relação às linguagens e a processos sociais concretos. Considerando o consumo midiático como uma prática para além do contato com as tecnologias da

---

<sup>3</sup>O relatório *Progresso das Mulheres no Mundo 2015-2016: Transformar as economias para realizar os direitos*, divulgado no dia 27 de abril de 2016, pela Organização das Nações Unidas (ONU), mostra que no mundo, os salários das mulheres são, em média, 24% inferiores aos dos homens. O documento evidencia que as mulheres continuam recebendo um salário diferente pelo mesmo tipo de trabalho e têm menos probabilidade que os homens de receberem uma pensão, o que resulta em grandes desigualdades em termos de recursos econômicos recebidos ao longo da vida.

comunicação, a relação com o rádio se constitui como espaço de interações contínuas e como tática de resistência das mulheres extrativistas ao poder de mando masculino, herdado como ranço de uma sociedade patriarcal forjada em pressupostos de superioridade da figura masculina, ainda que essa dominação ocorra por meio de um poder simbólico, exercido de forma velada pelo homem e, em muitos casos, sob a chancela da própria mulher.

Assim, as desigualdades presentes nas relações de gênero são vistas como práticas naturalizadas, integradas à vivência cotidiana. Tais diferenças são descritas por Bourdieu (1999) como um processo de imposição quase irresistível às mulheres, que se fortalece do seu reconhecimento e aceitação e de um processo de subordinação por excelência, resultante não da violência física, mas de uma violência simbólica, ou seja, “uma violência subjetiva, invisível às suas próprias vítimas, exercida principalmente na comunicação cotidiana e pela aceitação por elas mesmas da dominação masculina” (BOURDIEU, 1999, p. 7- 8).

Nas comunidades extrativistas pesquisadas é inquestionável a participação efetiva da mulher nas atividades produtivas, entretanto, a sua força de trabalho, embora contribua de forma decisiva para a renda familiar, quase sempre é considerada como “auxílio” ou “complemento” ao trabalho masculino. Não bastasse realizar as mesmas tarefas, ombro a ombro com os homens, a mulher associa o trabalho do campo com tarefas domésticas.

A lógica produtiva reinante no meio rural se fundamenta na divisão sexual do trabalho, que elege determinadas tarefas como próprias aos homens, outras inerentes às mulheres, e prega a valorização do trabalho do homem em detrimento da invisibilidade feminina. Entretanto, embora a mulher esteja sujeita a um sistema produtivo onde não tem o domínio da sua força de trabalho, encontra formas de driblar as diferenças de gênero e o domínio masculino e, neste contexto, o rádio desempenha importante papel, enquanto mediador das relações sociais.

Por meio da interação com esse meio de comunicação e da circulação de informações midiáticas no ambiente doméstico, as mulheres extrativistas passam a exercer um “poder informal”, expresso em termos discursivos. A partir de uma escuta individual elas atuam como estimuladoras de processos sociais coletivos, referenciados por processos midiáticos, que funcionam também como zona de tensão das desigualdades entre gênero.

### **Caminhos metodológicos**

A pesquisa, de caráter qualitativo, teve a participação de 30 mulheres extrativistas, com idade entre 32 e 65 anos, moradoras dos seringais Porvir e Filipinas, localizados na Reserva extrativista Chico Mendes<sup>4</sup>, no município de Brasileia (Acre). Foram entrevistadas mulheres que se dedicam ao extrativismo da castanha-do-brasil e atividades agrícolas, além de donas de casa e aposentadas.

A escolha das comunidades rurais teve como critérios principais a distância em relação ao centro urbano e o número de famílias residentes. A variação de perfis na amostra possibilitou distintos ângulos de observação das relações com o rádio, das apropriações de conteúdos midiáticos e da influência desse meio de comunicação nas relações de gênero no convívio familiar e no âmbito do sistema de trabalho.

O percurso metodológico, no tocante à realização das entrevistas, revelou indícios das relações de poder estabelecidas nas famílias extrativistas, por meio de recusas à participação na pesquisa. Muitas mulheres, cujos maridos não se encontravam em casa no momento da entrevista, se recusaram a falar por questões de hierarquia familiar, culturalmente internalizadas, outras, na presença destes, lhes transferiam o direito à palavra. Em pesquisas sociais o processo de recusa/aceitação faz parte da relação entre investigado/investigador e se constitui elemento revelador de aspectos culturais que circundam o objeto de estudo. Neste caso, constatou-se uma forte relação de dominação que dá ao homem o direito de responder quando se pede opinião.

No seringal Porvir, assim como no seringal Filipinas, vivem 25 famílias. Estas localidades estão distantes do centro urbano de Brasileia cerca de 30 quilômetros. A distribuição espacial das comunidades nestes seringais segue um mesmo padrão

---

<sup>4</sup>A Reserva Extrativista Chico Mendes é uma Unidade de Conservação Federal, criada em 1990, pelo Decreto n.º 99.144, como resultado do movimento seringueiro para manter a floresta em pé, iniciado na década de 1980, e como alternativa para minimizar os conflitos pela posse da terra no Acre. Localizada no Sudeste do Estado, abrange os municípios de Rio Branco, Capixaba, Assis Brasil, Brasiléia, Epitaciolândia, Xapuri e Sena Madureira, ocupando uma área aproximada de 970.570 hectares, onde moram cerca de 2.000 famílias (DIAGNÓSTICO RESEX, 2010, p. 30). Esse contingente é formado por pequenos agricultores, pescadores, castanheiros e seringueiros distribuídos em mais de 60 seringais, em regime de concessão de uso da terra. As áreas de conservação federais têm como característica principal o aproveitamento dos recursos florestais, baseado em um sistema de exploração da produção inteiramente manual e no uso exclusivo da mão de obra familiar nas atividades produtivas. No Acre, as áreas extrativistas são consideradas importantes polos de produção de castanha-do-brasil e látex de seringueira (borracha) e fonte de trabalho e renda para milhares de famílias rurais.

territorial: um ramal principal dá origem a outros ramais posicionados ora à margem direita, ora à esquerda, que originam uma infinidade de outros ramais que, por sua vez, geram varadouros e trilhas no interior da floresta.

As famílias extrativistas estão organizadas em associações concessionárias representativas deste segmento produtivo, que atuam por meio de núcleos de base instalados nos seringais e estão sediadas no município de jurisdição. O modelo de moradia predominantemente nas duas comunidades é a casa em madeira coberta com telhas de fibrocimento, construída por meio do Programa Nacional de Habitação Rural (Crédito Habitação). Este tipo de construção começou a substituir as antigas casas de paxiúba (espécie de palmeira abundante na Amazônia) e palha, a partir de 1990. Quase metade das famílias das entrevistadas possui transporte próprio (motocicleta), veículo bastante comum em localidades rurais da Amazônia onde o acesso ainda ocorre por meio de estradas de barro. Tais fatores podem ser indicativos de melhoria nas condições de vida nestas comunidades.

A maioria das entrevistadas é descendente de nordestinos que vieram trabalhar nos seringais amazônicos durante as primeiras décadas do século passado. Essas pessoas sempre mantiveram uma intensa relação com a floresta, constituindo-se protagonistas da história dos seringais da região e conhecedoras de uma época de completa ausência de estradas, energia elétrica e de meios de comunicação nessas localidades. Junto com outros bens de consumo, como fogão a gás e geladeira, o rádio disputa espaço no cenário doméstico extrativista. Esse meio de comunicação possibilita o acesso a contextos informacionais midiáticos, direcionando processos comunicacionais mais locais, favorecendo as interações sociais e reconfigurando as relações familiares.

### **Trabalho rural e relações de gênero**

A categoria conceitual de gênero foi formulada em um momento específico da história das teorias sociais sobre a diferença sexual e disseminada, especialmente a partir dos anos 1970. Na concepção de Piscitelli (2004), nasceu como um chamamento para “um novo olhar sobre a realidade”, situando as diferenças entre as características consideradas femininas e masculinas no núcleo das hierarquias presentes no social (PISCITELLI, 2004, p.43). O termo tem sido amplamente utilizado para mostrar que características, traços, comportamentos e os papéis de homens e mulheres não são produtos da biologia, mas fruto de convenções socioculturais que estabelecem padrões de expectativas em relação aos indivíduos.

No exercício cotidiano de suas tarefas, a mulher extrativista desempenha distintos papéis – trabalhadora, mãe, esposa e mediadora dos processos comunicacionais. Elas participam ativamente do processo de geração de renda da família, executando atividades produtivas na floresta e na agricultura – limpam as áreas para o plantio, plantam, colhem, coletam a castanha e comercializam os produtos – além de cuidar das tarefas domésticas e da educação dos filhos. Aos homens cabe o papel de coordenar o trabalho na mata e cuidar dos recursos financeiros da família, advindos do trabalho coletivo da família.

Entretanto, a força de trabalho da mulher rural se torna invisível por uma autoridade atribuída ao homem pela mesma lógica de superioridade masculina em que as diversas opressões de classe, raça e geração são lançadas sobre a mulher, moldadas por uma superposição de domínio. Essa dominação feminina, sinalizada por convicções patriarcais, contribui para a subordinação da mulher.

Tais constatações revelam um processo produtivo pensado a partir da divisão de papéis a serem executados por homens e mulheres – aos homens cabe o trabalho mais pesado em consonância com sua natureza biológica, que os tornam aptos para coletar e transportar a castanha da mata para a casa ou armazém, coletar o látex de seringueira, cuidar dos cultivos agrícolas; às mulheres são destinadas tarefas consideradas mais leves como cuidar da casa, dos filhos e do esposo, talvez esta última a mais importante tarefa na visão do homem.

Nas comunidades rurais extrativistas elas realizam as mesmas tarefas executadas pelos homens – cuidam dos roçados e dos animais, fazem a coleta da castanha e pescam – associando essas atividades aos cuidados com a casa e com os filhos. Assim, é questionável a ideia de protagonismo exclusivo atribuída ao homem nas relações sociais, de trabalho e familiares, assim como o papel de coadjuvante atribuído à mulher no processo produtivo, numa lógica de complementariedade ao trabalho masculino.

Essa ordem simbólica de dominação, de acordo com Paulilo (2004), é herança da sociedade patriarcal, historicamente responsável pela precarização do papel da mulher nas relações familiares e de trabalho.

Além de contribuir para a manutenção da subordinação feminina e do lugar de submissão da mulher no âmbito doméstico, reforça a sua condição de co-participante nos processos sociais e de produção, designando o homem como provedor, a quem cabe o reconhecimento pelo trabalho produtivo despendido nas atividades consideradas econômicas (PAULILO, 2004, p. 232).

Os papéis definidos hierarquicamente no meio rural são reproduzidos como um *habitus*<sup>5</sup>, conceito usado por Bourdieu (2009) para representar uma predisposição, modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar, que nos levam a agir de determinada forma em uma circunstância dada. Tais disposições, como explica Bourdieu, “não são mecânicas, nem determinísticas, mas, ao contrário, são dinâmicas e flexíveis, podendo ser fortes ou fracas e refletem o exercício da faculdade de ser condicionável como capacidade natural de adquirir capacidades não naturais” (BOURDIEU, 2009, p. 39).

Nesta perspectiva, o trabalho familiar, que rege a lógica produtiva e reprodutiva do grupo no contexto extrativista, está fundamentado na divisão sexual do trabalho, sendo que determinadas tarefas são consideradas próprias aos homens e/ou às mulheres, além de estarem relacionadas com a posição ocupada por cada membro da família (pai, mãe e filhos). A ideia do homem como o centro das decisões é reforçada pela família, sociedade e Estado, predominando a crença de que são responsáveis pelo trabalho produtivo e as mulheres pelo trabalho reprodutivo. Neste contexto, as mídias representam instância redentora de assimetrias nas relações de gênero, na medida em que possibilitam tensionar relações de poder.

### **Consumo de rádio como tática de resistência nas relações de gênero**

Por ser um veículo de longo alcance e uso simples, o rádio ainda é o meio de comunicação mais utilizado pela população rural, especialmente em comunidades distantes da Amazônia. Essa mídia possibilita o acesso a diferentes contextos noticiosos, mas, principalmente, o contato com realidades mais imediatas, pela divulgação de conteúdos relacionados às comunidades. Esse aspecto que favorece o compartilhamento de informações entre os moradores, inclusive no contexto familiar.

O caráter comunicacional da relação com as mídias se efetiva em uma heterogeneidade de vivências expressas naquilo que Berger e Luckmann (2012) entendem como “o mundo da vida cotidiana” e a experiência subjetiva da realidade social. Estes autores defendem a existência de um processo contínuo de experimentações cotidianas em diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporalmente, em uma temporalidade para além da realidade momentânea. A partir de

---

<sup>5</sup>A noção de *habitus*, apresentada por Pierre Bourdieu (1999), remete a práticas e situações do consumo como marcas de uma experiência singular, ativadas por modos peculiares de uso dos meios de comunicação e onde se manifestam percepções, valores e formas de compreensão dos sujeitos.

princípios do interacionismo simbólico, eles interpretam a realidade da vida cotidiana como “um mundo construído a partir da interação social” (BERGER e LUCKMANN, 2012, 40). Desta maneira, as distintas experiências midiáticas dos extrativistas estão interligadas a processos cotidianos de comunicação e interação social, envolvendo anseios individuais e coletivos.

Por esta via de interpretação, as mídias representam instrumentos de orientação social, na medida em que o contato com dispositivos midiáticos é guiado para o atendimento de demandas da vida rural, ao mesmo tempo em que também atendem à necessidade de interação social. Por este prisma, a busca por informações não acontece desprovida de “intenções” ou, de modo mais específico, “o uso de uma técnica não é sociologicamente neutro, ele é portador de valores e fonte de significações sociais para o usuário” (JAURÉGUIBERRY; PROULX, 2011, p. 24). Por esta via de análise, o rádio ocupa lugar simbólico nas relações sociais, minimizando distorções e diferenças nas relações de gênero, convertendo-se em “voz feminina” no processo de circulação de informações.

Como tecnologia da comunicação, o rádio possui uma dimensão ideológica e político-social, ou seja, se integra a um dispositivo constituído de distribuição do poder na gestão das associações entre as pessoas e seus sistemas de relações. Neste sentido, as esferas técnica e social estão completamente entrelaçadas no tecido organizacional das associações entre atores sociais, e isto implica dizer que as apropriações do rádio ocorrem em espaços ancorados nas ações sociais.

As mulheres extrativistas desenvolvem uma relação intensa com o rádio, por meio do consumo de notícias e da circulação de informações. Três fatores contribuem de modo decisivo para a interação com essa mídia, todos relacionados ao modelo de divisão do trabalho no contexto extrativista: a coleta da castanha como uma atividade sazonal e a extração de outros produtos florestais, como o látex de seringueira como atividades exclusivamente masculina; o hábito de cultivar roçados próximos da casa; e a articulação dessas atividades com as rotinas domésticas. A divisão das tarefas permite às mulheres permanecerem mais tempo em casa que os homens, aspecto que favorece o consumo radiofônico.

A maioria das entrevistadas trabalha no roçado entre sete e dez da manhã e das quatro às seis da tarde. Na época da quebra e coleta da castanha elas realizam um turno único de trabalho, ou seja, junto com toda a família seguem para a mata ao amanhecer e

retornam somente no final da tarde. Como essa atividade ocorre somente durante alguns meses do ano (entre dezembro e fevereiro), na maior parte do tempo a jornada de trabalho feminino inclui a lida nos roçados agrícolas e, nos intervalos dessa atividade, a realização de afazeres domésticos, quando aliam trabalho e escuta radiofônica.

Essa prática de escuta aliada a atividades da casa também é predominante entre aposentadas. Embora essas mulheres não trabalhem na floresta e nos roçados, devido à idade avançada ou por já terem a saúde fragilizada, permanecem integradas ao sistema de trabalho, mesmo indiretamente, por meio de familiares (esposo ou filhos). Portanto, mantêm-se interessadas em informações ligadas à atividade rural e compartilham com a família os conteúdos recebidos.

A escuta feminina acontece em relação com o trabalho, na associação da escuta radiofônica com tarefas domésticas, e também pela preocupação de se manterem como ouvintes para repassar as notícias aos familiares, ausentes no momento da audiência, configurando um “consumo compartilhado”, fundamentado no interesse coletivo. Posteriormente, essa busca por informações se condensa em sociabilidades, ou seja, o fluxo informacional midiático aciona interações familiares, pela via da conversa.

Gosto de manter sempre o rádio ligado quando tô em casa. Escuto enquanto vou fazendo as coisas da casa. Gosto principalmente das notícias, porque tem muita informação importante pra nós. Por exemplo, o preço da castanha. É só pelo rádio que a gente fica sabendo do que acontece. As informações sobre os compradores da castanha, o Bolsa Família e o Crédito Habitação (programa) também chegam pelo rádio. Eu escuto as notícias e repasso pra família (M.R.S. – extrativista, 46 anos).

Em suas múltiplas funções (trabalhadora, mãe, esposa), a mulher rural extrativista tem um importante papel na vida familiar – como acontece também com famílias urbanas. Além do trabalho no campo, dirige, organiza e dinamiza o trabalho doméstico e as relações familiares e, na relação com o rádio, representa uma “ponte” entre o midiático e a família, a esfera pública e a privada. Ela pratica uma escuta radiofônica interessada e vigilante em função de necessidades informacionais da coletividade familiar. Por essa lógica extensiva do consumo midiático, a informação é captada e direcionada à família e, desta forma, na interação com a mídia as mulheres realimentam o diálogo familiar e potencializam as relações (sociais e comerciais).

Apesar de movimentarem processos comunicacionais e de terem o “domínio” da casa, as mulheres ainda permanecem submetidas ao poder masculino, tanto no contexto

privado como público. Entretanto, essa dinâmica de dominação não se efetiva no aspecto comunicacional das famílias e esse lugar de subordinação, ocupado pela mulher, sofre transformações relação com os meios. Dito de outra forma, ao apropriar-se de informações midiáticas, fazendo circular no ambiente familiar as notícias recebidas, a mulher extrativista deixa o lugar passivo de fala – antes delegado ao homem – e assume a condição de gestora da informação, passando a operar uma postura discursiva ativa.

Essa perspectiva midiática, operada nas relações familiares, atribui certo empoderamento à mulher – como detentora da informação – e, desta maneira, os processos comunicacionais vão se constituindo como elementos fundantes das relações sociais no espaço doméstico, tendo na mídia uma instância mobilizadora de transformações nos processos sociais e nas relações de gêneros. Assim, o consumo radiofônico representa um recurso gerador de discursos feminino, constituído como elemento formador de opinião no grupo familiar, de lógicas de negociações em torno do que é disseminado, e dos processos que essas informações vão desencadear tanto no contexto social como econômico. Pelo viés comunicacional, a mulher realiza intervenções nas relações familiares cotidianas e nas diferenças entre gêneros.

Deste modo, na relação com o rádio as mulheres assumem um tipo específico de voz<sup>6</sup>. Elas constroem suas narrativas a partir da escuta midiáticas e as compartilham com os demais membros da família. Se as mulheres “não têm voz” no espaço público, no domínio familiar elas informam e organizam os fluxos comunicacionais em um duplo movimento: na articulação entre as mídias e o grupo familiar e no processo de ressignificação e compartilhamento das mensagens midiáticas, ou seja, é por meio do seu ponto de vista, explicitado na conversação, que a família toma conhecimento da informação midiática.

Atuantes e comunicativas, as mulheres ficam atentas ao que a mídia veicula e intermediam processos comunicacionais no âmbito familiar. Ao compartilharem

---

<sup>6</sup>Em pesquisa de doutoramento, Schwartz (2012) analisa a apropriação das tecnologias da informação e comunicação na agricultura familiar de Santa Maria, RS, a partir das relações de gênero, buscando verificar como essas tecnologias contribuem para o processo de empoderamento feminino no meio rural, inserindo as mulheres como protagonistas em processos de decisão. O estudo revela que o uso das tecnologias comunicacionais por mulheres rurais, tradicionalmente vistas em um papel legitimado de subordinação dentro das propriedades, contribui para mudanças nas relações de poder dentro das famílias rurais. Mas esse processo tem sua origem também no maior acesso e apropriação da informação, ou seja, na cognição (SCHWARTZ, 2012, pp. 164-165). Isso não quer dizer que foram rompidos os vínculos tradicionais que estavam *na ordem das coisas*, assinalados por Bourdieu (2010), mas representa um indicativo de mudanças significativas nas relações de gênero no meio rural, com a mulher adquirindo maior poder de voz e de decisão no espaço doméstico e público.

informações recebidas da mídia, elas criam elementos para novas interações sociais, contribuindo para a manutenção de laços familiares. O compartilhamento da informação midiática, acessada na escuta radiofônica, é um elemento marcante na relação dos extrativistas com a mídia e figura como parte de uma conduta coletiva que movimenta as relações sociais no espaço familiar.

Eu sempre fico ouvindo as notícia(s) e tem muita coisa que é de interesse da gente. Então eu transmito pro pessoal da casa quando eles voltam do trabalho. A gente conversa muito sobre tudo que houve no rádio (M.A.S. – 39 anos).

Desse processo de compartilhamento da informação, em que as mensagens circulam, depreende-se que a escuta não se resume ao recebimento de informações e ao trabalho interpretativo das mensagens pelas mulheres, mas reverbera em fluxos informacionais na família. Esse fluxo contínuo, conforme destacado por Braga (2012a), é marcado pela retroalimentação da escuta prevista – ou seja, pela circulação da informação midiática, característica pregnante do processo de midiatização social, onde é difícil distinguir quem produz e quem recebe.

Se abordarmos a circulação nessa visada abrangente, o produto midiático [neste caso a informação – grifo nosso] não é o ponto de partida no fluxo comunicacional. Ao contrário, pode muito bem ser visto como ponto de chegada, como consequência de uma série de processos, de expectativas, de interesses e de ações que resultam em sua composição como “um objeto para circular” e que, por sua vez, realimenta o fluxo da circulação (BRAGA, 2012a, p. 41).

Percebe-se nas reflexões do autor, uma dimensão simbólica do processo de circulação em torno da comunicação midiatizada, evidenciada na relação das mulheres extrativistas com o rádio. Essa dinâmica de circulação se articula todo um universo de vida cotidiana (produção e reprodução social) e suas lógicas de funcionamento, inclusive as relações de desigualdade entre homens e mulheres.

A apropriação de conteúdos midiáticos por meio do consumo radiofônico, em seu aspecto simbólico, se apresenta como um processo de constituição pessoal e social de mulheres rurais e, nos dizeres de Proulx (2012), como “uma matriz de uso da técnica e ativação cognitiva do objeto, integradora, significativa e criadora do uso na vida cotidiana” (PROULX, 2012, 11-12). Contudo, os usos e as lógicas de uso das tecnologias se situam em um contexto específico de práticas sociais, neste caso o

contexto rural extrativista com seus sistemas de valores e relações sociais (economia, processos sociais, cultura rural, dinâmicas de interação) que se desenvolvem na interação com o midiático e no acionamento das relações de trabalho e familiares.

O rádio é muito importante pra gente porque as notícia(s) chegam por esse meio. Fico sempre com o rádio ligado. A gente ouve e repassa pra família. Geralmente na hora do almoço ou da janta a gente conversa sobre o que saiu no rádio. Eu sou o poço de informação da família porque o marido e os filhos passam muito tempo na mata. Então, eu fico em casa, com o rádio ligado pra saber das notícias. (R.S.A. – extrativista aposentada, 65 anos).

O relato da extrativista revela uma forte noção de coletividade informacional, elemento que movimentava as relações sociais e simbólicas no ambiente doméstico, ativando processos interacionais. Sendo o meio de comunicação mais presente no cotidiano extrativista, o rádio funciona como instrumento de ordenamento dos processos comunicacionais e do sistema de trabalho.

Na época da venda castanha a gente faz uma espécie de vigília no pé do rádio pra saber dos preços no mercado. É pelo rádio que a gente fica sabendo. Se a gente não recebe essa informação não consegue vender bem o produto. Aí os meninos vão pra mata e eu fico vigiando o rádio pra passar pra eles a situação dos preços (J.S.M. – extrativista, 50 anos).

É pelo uso dessa mídia e pela ação feminina que a família tem acesso a notícias sobre o mercado da castanha, principal atividade produtiva nas comunidades pesquisadas, e a uma série de outras questões que interferem na vida de quem mora no campo como, por exemplo, notícias relacionadas a processos ambientais, saúde coletiva e muitos outros assuntos que mobilizam as populações rurais.

O rádio informa sobre como deve ser o trabalho aqui na floresta. Os noticiários sempre trazem alguma notícia sobre desmatamento e diz como a gente deve trabalhar na atividade florestal, principalmente sobre desmatamento. Antes a gente podia desmatar até dois hectares de capoeira, podia derrubar e queimar pra fazer o roçado. Agora praticamente não pode mais. Fico ouvindo pra saber das mudanças da lei e compartilho com a família (N.B. A. – extrativista, 49 anos).

Percebe-se, na interação feminina com o rádio, uma zona híbrida de significação que interliga elementos de domesticidade (lar/moradia) e cultura organizacional de trabalho e expressa uma organização especial de tempo e espaço, ligados a modos específicos de consumo midiático e de comunicar.

Esse processo se configura como práticas autênticas de resistência que subvertam a lógica de dominação e funcionem como “válvulas de escape” apaziguadoras de assimetrias entre homens e mulheres, contudo, por ser um processo histórico e social, as desigualdades entre sexos remontam à própria história da humanidade e, em certa medida, se perpetuam no tempo e no espaço rural. Admitir a existência de resistência a esse processo pressupõe distintos olhares sobre as relações de poder estabelecidas entre homens e mulheres, uma vez que nem todas as imposições podem configurar dominação.

O compartilhamento de informações, ainda que se efetive em circuito doméstico, indica a autonomia da mulher no contexto familiar, pela via da comunicação midiática, desmistificando processos sociais anteriores – ancorados na submissão feminina – e implicando um descolamento das relações de gênero em termos sócio-antropológico e sêmio-discursivo.

### **Considerações**

No meio rural as relações de gênero reproduzem profundas desigualdades, baseadas em uma lógica patriarcal que situa o homem como “cabeça” da família, com poder de decisão e direito de fala, e submete a mulher à condição de inferioridade, precarizando o seu papel nas relações. No contexto extrativista as assimetrias entre gêneros se expressam, principalmente, pela falta de reconhecimento do trabalho feminino e ausência de voz da mulher, embora seja inquestionável a sua participação no processo produtivo, geração de renda e como organizadora do espaço da casa.

A divisão do trabalho rural se baseia na distinção entre o que é doméstico e o que é produtivo e relaciona estes conceitos a características biológicas que remetem à força física do homem em contraposição à suposta fragilidade do sexo feminino, induzindo ao pensamento de que às mulheres são reservadas atividades mais “leves” e aos homens o trabalho “pesado”. Apesar dessa demarcação do espaço que cada um deve ocupar a atuação da mulher extrativista, tanto no contexto doméstico quanto nas atividades produtivas, associando atividades da casa, do roçado e coleta da castanha na mata (tarefa que exige maior esforço físico), mostra que a suposta condição de inferioridade atribuída à mulher é construída nas relações sociais e culturais e não por processo biológico.

Percebe-se, assim, uma cultura predominantemente masculina no meio rural, que perpetua a condição de mandatário do homem e naturaliza as desigualdades entre gêneros. Entretanto, pensar genericamente a posição da mulher rural como ser inferior e submisso ao homem pode levar a interpretações distorcidas sobre essas relações, já que em muitas sociedades elas têm provado que é possível estabelecer relações mais equitativas. Se as desigualdades entre gêneros dificultam a emancipação feminina, também é verdade que a relação de subordinação possibilita a conquista de “poderes produtivos”, rejeitando a tese de que as mulheres são universalmente dominadas.

Embora muitas famílias rurais ainda conservem relações profundamente marcadas por um processo de dominação masculina, ainda que simbólico, as desigualdades entre gêneros também mobilizam resistências. Frente às contradições e limitações produzidas nas diferenças entre sexo e, diante do modo naturalizado de dar significação às relações de poder, as mulheres extrativistas desenvolvem práticas de resistência que irrompem como táticas constituídas por um “poder informal” exercido no espaço familiar para driblar a dominação masculina.

Pela via do consumo radiofônico compartilhado as mulheres se constituem como estimuladoras de processos sociais coletivos, tendo como referência a mídia e as interações sociais. Na relação com o rádio criam “janelas” para o empoderamento feminino nas relações familiares, reduzindo assimetrias entre os sexos.

Deste modo, se no aspecto macro das relações sociais, constituídas na esfera pública, o homem permanece como “sujeito de fala” representativo da família, nas microrrelações familiares, retroalimentadas no interior da casa pela circulação midiática, a mulher adquire voz e se constitui como protagonista das relações familiares, direcionando processos comunicacionais e realizando a mediação entre o mundo exterior e o contexto familiar.

No processo de empoderamento discursivo da mulher a hierarquia entre gêneros, que marca as relações no espaço público, é tensionada por processos comunicacionais que contrarrestam poderes tradicionalmente instituídos na vida privada da casa e se expressam nas relações familiares.

## Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.
- BRAGA, J. L. **Sobre “mediatização” como processo interacional de referência**. GT Comunicação e Sociabilidade. COMPÓS, Bauru. 2006.
- BRAGA, José Luiz. (2012a) **Circuitos versus campos sociais**. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jéder; JACKS, Nilda (Orgs.). *Mediação e Mdiatização*. Salvador: EDUFBA; Brasília: COMPÓS, p. 31- 52.
- BERGER, Peter, LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**. 3. Ed., ORTH, Edgar, Trad.. Petrópolis: Vozes, 2012.
- DIAGNÓSTICO SOCIECONÔMICO. Cadastro da Reserva Extrativista (Resex) Chico Mendes. **Plano Resex Sustentável**. Governo do Acre. Rio Branco. Dezembro de 2010.
- JAURÉGUIBERRY, Francis; PROULX, Serge. **Usages et enjeux des technologies de coomunication**. Toulouse: Érès, 2011.
- MEYER, Dagmar. **Do poder ao gênero: uma articulação teóricoanalítica**. In: LOPES, Marta; MEYER, Dagmar; WALDOV, Vera. *Gênero e saúde*. Porto Alegre: Artmed, 1996, p. 41-54.
- PAULILO, Maria Inez S. **Trabalho familiar: Uma categoria de análise esquecida** *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC. V.12, p. 229-252, jan/abr, 2004.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003 a. p.167-234.
- PISCITELLI, A. **Reflexões em torno do gênero e feminismo**. In: Costa C de L, Schmidt, SP, organizadoras. *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Ed. Mulheres; 2004, p. 43-66.
- RELATÓRIO PROGRESSO DAS MULHERES NO MUNDO 2015-2016: Transformar as economias para realizar os direitos. **Organização das Nações Unidas (ONU)**. São Paulo, 2016. Disponível em <http://progress.unwomen.org/en/2015/#collapseThree>. Acesso: 10 de março de 2016.
- SAFFIOTTI, H. I. B. **Violência de gênero no Brasil contemporâneo**. In: SAFFIOTTI, Heleieth I. B.; MUÑOZ-VARGAS, M. (Orgs.). **Mulher brasileira é assim**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos-NIPAS/UNICEF, 1994. p. 151-187.
- SCHWARTZ, Clarissa. **Relações de gênero e apropriação de tecnologias de informação e comunicação na agricultura familiar de Santa Maria – RS**. 2012. Tese (Doutorado em 2012). Programa de Pós-graduação em Extensão Rural. Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2012.